



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AO CONSELHO DA SECRETARIA GERAL

DO SÍNODO DOS BISPOS Sábado, 30 de Abril de 1983 *Caríssimos irmãos*, 1. Na vossa última reunião do Conselho da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, na qual lançastes as linhas do "*Instrumentum laboris*", quisestes propor uma especial sessão para a dedicar de maneira particular aos problemas internos desta jovem mas já bem experimentada instituição eclesial. Impusestes-vos uma suplementar dedicação aos trabalhos ordinários. E agora estais para a levar a termo. Agradeço de coração a todos vós e convosco agradeço aos oficiais da Secretaria e aos especialistas que, com os seus aprofundados estudos, ofereceram uma ampla base para a vossa reflexão sobre a função e o funcionamento do Sínodo dos Bispos. Esta vossa reunião foi como a pausa do operário que, após ter realizado uma parte do trabalho, se detém um momento para reconsiderar as motivações que o impulsionaram e renovar a coragem para o trabalho restante. O Sínodo dos Bispos germinou no fértil terreno do Concílio Vaticano II, pôde surgir graças ao espírito perspicaz do meu Predecessor, Paulo VI, e começou a produzir os seus frutos desde a primeira Assembleia ordinária de 1967, realizada neste mesmo ambiente onde agora nos encontramos. Desde aquele tempo, reunindo-se em prazos fixos, mas experimentando também algumas vezes um outro tipo de assembleia, o Sínodo dos Bispos contribuiu de maneira muito notável para a actuação dos ensinamentos e das orientações doutrinárias e pastorais do Concílio Vaticano II na vida da Igreja universal. A chave sinodal de leitura do Concílio tornou-se quase um lugar de interpretação, de aplicação e de desenvolvimento do Vaticano II. O rico elenco dos temas tratados nos diversos Sínodos revela por si a importância das suas assembleias para a Igreja e para a actuação das reformas queridas pelo Concílio. Diante desta riqueza de frutos já produzidos e de potencialidades ainda não desenvolvidas pela instituição sinodal tão jovem, é justo antes de mais nada dar graças a Deus porque quis inspirar a sua fundação e guiar a sua obra. Mas era também justo, no intervalo destes anos, deter-se numa reflexão baseada na experiência adquirida. 2. O Sínodo dos Bispos prestou portanto grandes serviços ao Concílio Vaticano II e pode prestá-los ainda na aplicação e no desenvolvimento das orientações conciliares. A experiência do período pós-conciliar mostra claramente em que notável medida a actividade sinodal indica o ritmo da vida pastoral na Igreja universal. Nas assembleias sinodais está representada pelos respectivos pastores delegados cada uma das Igrejas locais de todos os continentes. Já durante a fase preparatória elas são consultadas e a sua experiência da vida de fé é depois pelos Bispos trazida à assembleia. Na assembleia faz-se o intercâmbio das notícias e das sugestões; e à luz do Evangelho e da doutrina da Igreja são delineadas directrizes comuns que, uma vez confirmadas com a aprovação do Sucessor de Pedro, são revertidas em benefício das mesmas igrejas locais a fim de que a Igreja inteira possa manter a comunhão na pluralidade das culturas e das situações. Desta maneira, também o Sínodo dos Bispos é uma confirmação magnífica da realidade da Igreja na qual o colégio episcopal "enquanto composto por muitos, exprime a variedade e universalidade do Povo de Deus e, enquanto reunido sob uma só cabeça, revela a unidade do redil de Cristo" (L.G., 22). Sem dúvida, o Sínodo é o instrumento da

colegialidade e um poderoso factor da comunhão em medida diversa de um Concílio Ecuménico. Trata-se, porém, sempre de um eficaz, fácil, oportuno e regular instrumento ao serviço de todas as igrejas locais e da sua comunhão recíproca. Esta finalidade que acompanha sempre este "especial conselho permanente de sagrados pastores", esteve presente desde a sua instituição; como disse [Paulo VI](#) na Carta Apostólica *Apostolica sollicitudo* "a fim de que depois do Concílio continuasse a chegar ao povo cristão aquela larga abundância de benefícios que durante o Concílio se teve da viva união nossa com os Bispos". Para que o Sínodo possa trazer sempre mais estes benefícios, muito depende da aplicação concreta que é dada às conclusões sinodais, sob a orientação dos Pastores e das Conferências episcopais, em cada uma das igrejas locais. Esta fase pós-sinodal requer portanto muita atenção e particular solícitude.³ A força dinâmica do Sínodo dos Bispos aprofunda as suas raízes — como bem verificais — na justa compreensão e na vida da colegialidade dos Bispos. O Sínodo é de facto uma expressão particularmente frutuosa e o validíssimo instrumento da colegialidade episcopal, isto é, da particular responsabilidade dos Bispos ao redor do Bispo de Roma. O Sínodo é uma forma para exprimir a colegialidade dos Bispos. Todos os Bispos da Igreja com a cabeça, o Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, "perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade" ([L.G.](#), 23) do episcopado, formam o colégio que sucede àquele apostólico que tinha Pedro como cabeça. A solidariedade que os une e a solícitude para com a inteira Igreja manifestam-se por excelência quando todos os bispos se reúnem "cum Petro et sub Petro" no Concílio ecuménico. Entre o Concílio e o Sínodo existe evidentemente uma diferença qualitativa e, apesar disto, o Sínodo exprime a colegialidade de maneira altamente intensa embora não igual àquela realizada pelo Concílio. Tal colegialidade manifesta-se principalmente no modo colegial de se pronunciar por parte dos pastores das igrejas locais. Quando eles, especialmente depois de uma boa preparação comunitária nas próprias igrejas e colegial nas próprias Conferências episcopais, com a responsabilidade pelas próprias igrejas particulares mas juntamente com a solícitude para com a Igreja inteira, testemunham em comum a fé e a vida de fé, o voto deles, se moralmente unânime, tem um valor qualitativo eclesial que supera o aspecto simplesmente formal do voto consultivo. A vitalidade de um Sínodo, com efeito, depende da intensidade da sua preparação a nível das comunidades eclesiais e das Conferências episcopais; quanto melhor funciona em concreto a colegialidade entre os Bispos que exprime a comunhão em cada uma das igrejas, tanto mais rico pode ser o contributo que eles trazem à assembleia sinodal. O exercício da colegialidade dos pastores no Sínodo torna-se um recíproco intercâmbio que serve também para a comunhão tanto dos Bispos como dos fiéis e, afinal, para a unidade cada vez mais profunda e orgânica da Igreja. O Sínodo está portanto ao serviço da comunhão eclesial, que outra não é senão a mesma unidade da Igreja na dimensão dinâmica. No mistério da Igreja todos os elementos encontram o seu lugar e a sua função. E assim a função do Bispo de Roma insere-o profundamente no corpo dos Bispos como centro e sustentáculo da comunhão episcopal; o seu primado, que é um serviço para o bem da Igreja toda, coloca-o em relação de união e colaboração mais intensa. O próprio Sínodo faz ressaltar o nexó íntimo entre a colegialidade e o primado: o múnus do Sucessor de Pedro é também serviço à colegialidade dos Bispos e, vice-versa, a colegialidade efectiva e afectiva dos Bispos é um importante auxílio ao serviço primacial petrino.⁴ Como toda a intuição humana, também o Sínodo dos Bispos está crescendo e poderá ainda aumentar, e desenvolver as suas potencialidades, aliás como o previu o meu Predecessor na Carta *Apostolica sollicitudo*. Algumas formas sinodais, embora tenham sido já previstas, não foram até agora adequadamente realizadas. Vós mesmos fizestes o exame de várias possibilidades processuais e metodológicas e de várias propostas apresentadas no decurso da existência desta instituição. Da minha parte podeis estar certos da altíssima consideração pela função do Sínodo dos Bispos na Igreja e da plena confiança que deposito na sua actividade ao serviço da Igreja universal. E é neste contacto que renovo o apreço e agradecimento pelos vossos trabalhos, ao invocar sobre a vossa dedicação a Bênção de Deus e a protecção da Mãe da Igreja. © Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana